

executados no país, salientando, a seguir, o ótimo resultado obtido com a cooperação do governo baiano que tem apoiado e dado todos os elementos de execução para a realização das tarefas geográficas no seu Estado. As suas últimas palavras foram relativas aos trabalhos censitários encerrados naquela data.

Por fim, falou o Eng^o. OSCAR CARASCOSA, para dar posse ao Eng^o. LEITE DE CASTRO como sócio honorário do Instituto Geográfico e Histórico da Baía; depois de enaltecer a homenagem prestada, fez-lhe entrega do respectivo diploma.

Voltou à tribuna o homenageado para agradecer a honra que lhe era conferida. No seu discurso ressaltou a importância da missão do geógrafo e fez um apêlo aos brasileiros no sentido de atentarem bem, na hora grave em que vivemos, para o problema da ocupação efetiva do Brasil pelos brasileiros, salientando a necessidade do au-

mento populacional e da distribuição equitativa dos habitantes pelas diversas zonas.

Encerrando a sessão, falou o Sr. LAFAIETE PONDÉ, Secretário do Interior que, em nome do governo baiano, declarou associar-se às homenagens tributadas ao Dr. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO e ressaltou a atuação patriótica e bem orientada do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Jantar íntimo Na véspera do seu re-
no Palácio da gresso a esta capital,
Aclamação ao Eng^o. CRISTÓVÃO
LEITE DE CASTRO e a
sua esposa, o Interventor LANDULFO ALVES ofereceu um jantar íntimo no Palácio da Aclamação. Essa reunião que decorreu num ambiente da mais viva cordialidade e requintada espiritualidade, teve também o comparecimento dos Secretários de Estado, do Prefeito Municipal, e respectivas esposas.

NOVA DIRETORIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro empossou, solenemente, no dia 7 de Janeiro findo, a sua Diretoria e as várias Comissões Permanentes que irão dirigir os seus trabalhos no biênio 1942-43.

O novo corpo diretor da secular entidade cultural, empossado naquele dia, é integrado pelos seguintes nomes:

Presidente perpétuo, Embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES; 1.^o vice-presidente, Ministro AUGUSTO TAVARES DE LIRA; 2.^o vice-presidente, Ministro RODRIGO OTÁVIO; 3.^o vice-presidente, Sr. ALFREDO NASCIMENTO E SILVA; orador, Sr. PEDRO CALMON; 2.^o secretário, Sr. VIRGÍLIO CORREIA FILHO; tesoureiro, Capitão de Mar e Guerra FRANCISCO RADLER DE AQUINO.

Comissões permanentes — História — Srs. MAX FLEIUSS, SOUSA DOCCA, BASÍLIO DE MAGALHÃES, FELJÓ BITTENCOURT, CANABARRO REICHARDT.

Fundos de orçamentos — Srs. RODRIGO OTÁVIO, ALFREDO LAJE, OLIVEIRA VIANA, MATOSO MAIA FORTE, ALEXANDRE SOMMIER.

Geografia — Srs. RAUL TAVARES, RADLER DE AQUINO, CARLOS DA SILVEIRA CARNEIRO, LEÃO TEIXEIRA FILHO, LUCAS BOITEUX.

Arqueologia e Etnografia — Srs. RODOLFO GARCIA, AFRÂNIO PEIXOTO, ROQUETE PINTO, JOSÉ LUIZ BATISTA, VIRGÍLIO CORREA FILHO.

Bibliografia — Srs. RODRIGO OTÁVIO FILHO, BERNARDINO DE SOUSA, LIBERATO BITTENCOURT, VIEIRA FERREIRA, GUSTAVO BARROSO.

Estatutos — Srs. AFRÂNIO DE MELO FRANCO, COSTA FERREIRA, WANDERLEY PINHO, PEDRO CALMON, EDMUNDO DA LUZ PINTO.

Admissão de sócios — Srs. ALFREDO DO NASCIMENTO, AUGUSTO TAVARES DE LIRA, ALFREDO VALADÃO, BRAZ DO AMARAL, LEVÍ CARNEIRO.

Ao ato compareceu numerosa e seleta assistência onde se viam as figuras mais representativas dos círculos intelectuais e sociais desta capital, inclusive representantes das altas autoridades e das entidades culturais do país.

Ao dar início aos trabalhos da memorável sessão, o Embaixador MACEDO SOARES proferiu brilhante discurso que passamos a transcrever na íntegra:

“Prezados consócios: Declaro empossada a nova diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com mandato para os anos de 1942-1943.

Os vice-presidentes, senhores Ministro AUGUSTO TAVARES DE LIRA, Ministro RODRIGO OTÁVIO DE LANGAARD MENDES e Dr. ALFREDO NASCIMENTO SILVA, são grandes figuras nacionais. A simples enunciação de seus nomes recorda

valiosos serviços que prestaram e prestam à Nação.

O 1.º orador, Sr. PEDRO CALMON MUNIZ DE BITTENCOURT, destaca-se vivamente pelo brilho de sua inteligência e pelo valor de sua cultura.

O 1.º secretário não será reempossado hoje porque esta assembléa elegeu vitaliciamente o Sr. MAX FLEIUSS, atendendo à sua inexcedível dedicação ao Instituto Histórico. O Sr. MAX FLEIUSS continua a ser o mais eficiente guarda das tradições desta Casa.

O 2.º secretário, Sr. VIRGÍLIO CORREIA FILHO, procura esconder em sua impressão modestia a sua forte inteligência e desmarcado saber.

O tesoureiro, Sr. Capitão de Mar e Guerra FRANCISCO RADLER DE AQUINO — com livros de sua autoria adotados na marinha de guerra norte-americana — continua a dar ao Instituto a sua nobre colaboração.

Cabe-me manifestar em nome de meus eminentes companheiros de diretoria, e no meu próprio, o nosso reconhecimento pela renovação do mandato com que nos honrastes, para conduzir os destinos do venerando Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Ao agradecer extremamente penhorado, a honra que me fizestes elegendo-me Presidente perpétuo deste sodalício, devo dizer-vos que saberei medir a perpetuidade do mandato pela conveniência e utilidade do próprio Instituto. Enquanto puder servi-lo na conformidade do vosso patriotismo e das tradições da Casa, terei como vigente a "perpetuidade" da minha função. Mas desde que me aperceba da vantagem de arejarmos a nossa direção, de experimentarmos as novidades que se ofereçam, dando azo à necessária renovação das idéias — não terei um instante de vacilação em limitar a "perpetuidade" do mandato, para que somente seja perpétua a minha gratidão por vossa estima e generosidade".

Coube ao Sr. PEDRO CALMON, orador oficial do Instituto, saudar o novo Presidente perpétuo, nesses termos:

"Todos os benefícios espera o Instituto Histórico da presidência perpétua que se inicia hoje por seu voto expresso e eloquente.

Quis o Instituto ainda uma vez que se renovasse a tradição de ser vitalício o seu Presidente. E para ocupar a cadeira de AFONSO CELSO — que a honrou num amplo período de ação cívica memorável — indicou a V. Ex., Sr. JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, que se lhe afigurou com as qualidades, as disposições, as virtudes e os serviços reclamados para tão distinta investidura. V. Ex., graças a êsse irrevogável mandato, hoje se empossa na direção definitiva dos destinos desta casa conservadora, antiga e ilustre. Constitue o acontecimento um galardão de esperanças, um solene compromisso, reafirmação pública de grandes propósitos de íntima confiança, em que nós unimos, para dizer que o Instituto prossegue a sua larga vida sob os melhores auspícios de harmonia espiritual, de trabalho patriótico e de coerência. A V. Ex., que dois anos já, digna e proficuamente o presidiu, cabe em boa parte a sua eficiência atual. Não lhe regateou o zelo de sua assistência, ao lado de MAX FLEIUSS, o nosso estimado e venerando secretário perpétuo; não lhe negou os requintes de sua inteligência previdente e dúctil; não lhe poupou as fadigas dum concurso assíduo e metuculozo; mesmo os favores de sua conhecida filantropia. Associou, conciliou, governou, com tato fino, discreção arguta, simpatia profunda pelas idéias e pelos interesses impessoais, gosto intelectual, inflexível fidelidade às causas brasileiras — nítida e rigorosamente brasileiras — que sob estes velhos tetos defendemos, expomos e definimos com sereno altruísmo.

Homem público de invejável experiência e brilhante tirocínio, passou V.



POSSE DO EMBaixADOR JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES NA PRESIDÊNCIA PERPÉTUA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO.

Da esquerda para a direita: Ministro do Equador, Sr. Dr. ENRIQUE ARROYO DELGADO; Embaixador do Uruguai; Sr. Dr. CÉSAR G. GUTIERREZ; Dr. MAX FLEIUSS, secretário perpétuo; Comandante OTÁVIO DE MEDEIROS, representando o Presidente da República; Embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, Presidente perpétuo; Cardeal Dom SEBASTIÃO LEME; Embaixador de Portugal, Dr. MARTINHO NOBRE DE MELO e General VALENTIM BENÍCIO DA SILVA.

Ex. pelos altos postos da representação diplomática, do governo, assim da política exterior como dos negócios da Justiça, e dos Conselhos técnicos que são outras tantas peças do Estado, manifestando em tôdas as conjunturas de sua carreira aplaudida e feliz um impecável sentimento das realidades brasileiras, que se projeta em obras e trabalhos inolvidáveis. É V. Ex. dos que não subordinam a sua contribuição ao bem geral às aleatórias condições de oportunidade: mas a transforma numa incessante obrigação, generosa e profusa, para com o país, as suas instituições doutas, os seus organismos benéficos e as iniciativas úteis que recrutam, no interesse da Nação, dedicações irredutíveis. Simultaneamente dirige V. Ex. agora a Academia Brasileira de Letras, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e o Instituto Histórico. E o faz com acerto, pontualidade e segurança, podendo vangloriar-se de levar a cada uma dessas organizações o estímulo, o prestígio e a prosperidade, que sempre proveem da administração entusiástica, realizadora e sincera.

Pode, pois, desempenhar a mais elevada comissão que lhe conferem os seus companheiros, certo de que bem lhes mereceu a homenagem, e esta não se limita a uma eleição, a uma aclamação, a um diploma: envolve o desejo comum de também nada regatearmos ao Instituto, sempre que nos exija a colaboração, o estudo, a atitude, a palavra e os préstimos.

Tudo pelo Brasil — não é apenas um lema, e ai de nós se fôsse somente uma frase. Muito mais do que uma fórmula, é uma vocação sentimental, um juramento, uma tendência, a consagração de esforços em que se veem sucedendo as gerações nesta academia de cultura histórica primogênita do continente. Desde 1838, sem interrupção, emendando as suas atividades a velhice cheia de saudades e a juventude irreverente, o Instituto cultua aquele preceito: melhor do que isto, cumpre-o.

Fundou-se, como confessou o seu primeiro intérprete, o Cônego JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA, para dar ao país a História de que carecia, cosendo em forma de estrutura os retalhos dispersos de sua crônica, coligindo-lhe os documentos, juntando as informações, colhendo os materiais fragmentários, refundindo as rapsódias soltas, organizando os conceitos, marcando os contornos, desenhando o perfil, achando a unidade do passado nacional. Unidade de origem, de base física, de pensamento criador, de sentido vital; unidade de fé, terra e alma; unidade de pátria, evolução e progresso; unidade de fôr-

ça, religião e independência; unidade de espírito, crescimento e soberania; indissolúvel unidade do Brasil!

O Instituto não faltou à promessa. Não desbaratou em inspirações subalternas o seu tempo. Não transigiu com a indiferença ambiente, quando à sua volta, outrora, esfriaram, congelaram-se as iniciativas; não esmoreceu na sua campanha, quando foi moda desdenhar os legados da História, os heróis patrióticos e a sua desbotada epopéia; não cedeu à pressão das correntes efêmeras, que à crítica preferiram a demolição, ao comentário antepunham o esquecimento, à compreensão contrapunham a intolerância; e vaiavam a análise, a reivindicação, a justiça e a verdade, com a algazarra pueril dos negativistas; não desertou do seu dever, não fechou as portas, não apagou as luzes do seu altar, não fugiu ao sacrifício e ao consolo do seu sacerdócio nas horas de tumulto, de dúvida, de confusão; e com a coragem estoica de parecer reacionário, quando era imperturbável, zelou pontualmente pelas glórias brasileiras na sua pureza e no seu esplendor. Constituiu-se para averiguá-las; seminário de historiadores, não se formou para desenganá-las; oficina de labor desinteressado, honesto e sábio, tinha alguma coisa da obstinação da Igreja, que lembra nos ofícios de todo o dia, os seus mais remotos e vagos mártires, e da austeridade dos tribunais adstritos à nonrada prova dos autos. Sentenciou assim; e na sua tarefa tranquila e proba juntou num século, sem descanso, as pedras do maior monumento ainda levantado na América à civilização dum povo: a massa documental e literária de sua Revista, biblioteca ou enciclopédia de História do Brasil que é o arquivo de suas pesquisas e a certidão dos seus serviços.

Não há Nação que sobreleve, na luta pela existência, ou antes, pela sobrevivência, sem a sua raiz tradicional sólida, profunda e perene. Que pretenderam os fundadores do Instituto dezesseis anos depois da emancipação nacional? Imaginaram completar o Império radicando-o na consciência americana; quiseram consolidá-lo, atribuindo-lhe a hierarquia dos países que teem antepassados, moral histórica e conduta conhecida; e porque não bastassem para a sua defesa e para a sua segurança os vivos, convocaram para adverti-los e dirigi-los os grandes mortos. Estes, os mortos imortais, fazem a eternidade das nações. São as suas sentinelas, os seus soldados invisíveis, as suas fôrças latentes.

Os criadores do Brasil, de resto, a cada momento se nos deparam à evocação patriótica para explicar, para definir, para resguardar, para alertar o país: povoadores, sertanistas, gene-

rais, missionários, homens de Estado: os responsáveis pela sua integridade, pela sua extensão, pelas suas harmonias de raça e riqueza, pela sua originalidade americana e pelos altos destinos que a inspiram. Gente desbravadora do século português de 500; gente belicosa do século mameluco de 600; gente laboriosa do século nativista de 700; gente brasileira do século imperial de 800; sombras tutelares da colonização, bravos combatentes dos Guararapes, caçadores de esmeraldas, semeadores de cultura, mártires da liberdade, apóstolos da Independência, fundadores do Império. De VIDAL DE NEGREIROS a CAXIAS; de JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE a FERNÃO DIAS PAIS LEME; do tratado de Madri à diplomacia das fronteiras pacíficas e jurídicas; dos estudantes que defenderam o Rio de Janeiro contra DUCLERC ao juvenil patriotismo da nossa geração, das pedras de padrão plantadas no litoral pelos descobridores às raíais do oeste lineadas pelos pioneiros de hoje, dos primitivos sacrifícios aos exemplos permanentes... A cooperação íntima desses valores indestrutíveis compõe o tecido das nossas epopéias e a consciência da Pátria; o seu ciclo heróico, a sua poesia nacional, a sua personalidade histórica; as suas energias invencíveis. Fazemos o retrato de corpo inteiro do Brasil, revendo o seu passado glorioso: tem sido o nosso ofício; será a nossa cruzada, tanto nos ajude Deus, como até aqui, e por cem anos esta Casa, a continuar o inalterado caminho que os estatutos prescrevem e o civismo ilumina.

Tudo pelo Brasil."

Usou após, a palavra o Sr. MAX FLEUSS, secretário perpétuo da Casa para ler as seguintes notas sobre os Presidentes perpétuos do Instituto.

"Seja-me lícito dizer algumas palavras sobre os quatro Presidentes agraciados pelo nosso Instituto com a perpetuidade no cargo.

O Visconde de SÃO LEOPOLDO, eleito Presidente perpétuo em Assembléa Geral de 4 de Dezembro de 1842.

O Barão do RIO BRANCO em 27 de Novembro de 1909.

O Conde de AFONSO CELSO em 15 de Dezembro de 1915.

O Embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES em 15 de Dezembro de 1941.

E o Marquês de SAPUCAÍ?

Consta das atas de nossas sessões ter sido ele eleito Presidente perpétuo em 1.º de Agosto de 1847, logo que substituiu o Visconde de SÃO LEOPOLDO. Mas, em todas as assembléias subsequentes, vem o seu nome sufragado para Presidente.

Verdadeira anomalia.

Estudando a história de nossa benemérita associação não encontrei o que justificasse essa constante renovação de mandato.

Conversando a respeito com o Conselheiro OLEGÁRIO HERCULANO DE AQUINO E CASTRO, disse-me este que o Imperador não apreciara a concessão de perpetuidade, no mesmo dia da primeira eleição para Presidente.

Sabedor disso, SAPUCAÍ, fez questão de submeter-se sempre ao veredictum das assembléias.

Mas o Conselheiro OLEGÁRIO, admitido em 1871, não se responsabilizara pela completa procedência da versão, ouvida de sócios mais antigos.

Seguramente, o Instituto teve, pois, quatro Presidentes perpétuos.

Curioso esboçar tais personalidades.

SÃO LEOPOLDO (JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO), foi o grande historiador dos *Anais da Capitania e da Província de São Pedro, da Vida e Feitos de Alexandre de Gusmão, dos Limites do Império do Brasil*, o político cheio de serviços, o Ministro em 1825, 1826, 1827, que criou os dois cursos de ciências jurídicas e sociais, em São Paulo e em Olinda.

Varão respeitabilíssimo.

Dele disse MANUEL DE ARAÚJO PÔRTO-ALEGRE (O homem-tudo).

"A alma de SÃO LEOPOLDO era como um espelho polido, onde todos os objetos se refletiam com serenidade e doçura; era um lago tranquilo acobertado pelo céu risonho do seu ameno e inalterável caráter. Uma estátua tranquila sentada num gabinete".

Nasceu na cidade de Santos em 9 de Maio de 1774 e faleceu em Pôrto Alegre em 6 de Julho de 1847.

Tinha 64 anos quando em 1838 entrou para o Instituto, sendo logo seu Presidente.

RIO BRANCO, nasceu nesta capital em 20 de Abril de 1845 e aqui morreu em 10 de Fevereiro de 1912.

Eleito para o Instituto em 7 de Novembro de 1867, aos 22 anos!

Não é preciso discorrer sobre individualidade tantas vezes gloriosa, "benemérito da pátria", segundo a sanção do poder legislativo, Presidente da alma nacional, conforme o conceito de MARTIM FRANCISCO FILHO.

RIO BRANCO é, sem contestação, um dos nomes mais expressivos e fulgurantes da História do Brasil que ele cultivou e tanto amou.

AFONSO CELSO impõe-se também à admiração pelos soberbos dotes intelectuais e morais.

Nasceu em 31 de Março de 1860 em Ouro Preto e faleceu em 11 de Julho de 1933, nesta capital, entrando para o Instituto em 2 de Dezembro de 1892, com menos de 23 anos. O que foi a sua presidência de 26 anos todos o sabem, entre os aplausos que lhe coroaram os atos.

Meu fraterno amigo, só em citar-lhe o nome, sinto como que o estivesse a ver e a ouvir-lhe a palavra a um tempo carinhosa, amiga, inflexível, quando traduzia uma faceta de seu grande carácter.

Resta tratar de JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES e o faço sem timidez alguma, pois seu valor refletiu-se nos magistrais trabalhos que tem publicado, notadamente nas *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*.

MACEDO SOARES, é uma figura nova, dinâmica, austera, dessa austeridade

que encanta e atrai, sabendo com cavalheirismo contornar quaisquer dificuldades, animando, congraçando, exemplar nos escrúpulos, de que deu admirável exemplo subordinando a perpetuidade no cargo ao consenso dos sócios na apreciação constante dos seus atos.

MACEDO SOARES, nosso sócio há vinte anos, é um símbolo do Brasil de hoje. Por isso mesmo sua perpetuidade é uma garantia para a nossa associação que contando mais de 103 anos, procura sempre atingir a sua finalidade — estudar o Brasil, amar o Brasil, viver para o Brasil”.

Ao encerrar a sessão o Sr. Presidente, Embaixador MACEDO SOARES, agradeceu a presença do representante do Sr. Presidente da República, de Sua Eminência o Sr. Cardeal, dos membros do Corpo Diplomático, Gerais e representantes dos Ministros de Estado e outras altas autoridades e instituições, bem como das senhoras e cavalheiros que ali se achavam.

CARTA GEOGRÁFICA DO BRASIL AO MILIONÉSIMO

Continuando na divulgação dos trabalhos da Secção da Carta Geográfica do Brasil ao Milionésimo, do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, publica agora esta Revista a relação dos trabalhos realizados no último semestre do ano próximo findo.

Na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores foram coligidos 22 elementos assim discriminados: 1) Mapa da linha geodésica Cudui-Uá, da fronteira Brasil-Venezuela, pela Comissão Brasileira, da Com. Mista Brasileiro-Venezuelana. Escala 1:100 000; 2) Fôlha Serra Quinotoyen, da fronteira Brasil-Venezuela, pela Com. Brasileira, da Com. Mista Brasileiro-Venezuelana (11-1933). Escala 1:50 000; 3) Carta Lagoa Mirim, da fronteira Brasil-Uruguaí, tratado de 30/10/1909 e acôrdo de 7/5/1913 — 3 partes — Escala de . . . 1:100 000; 4) Carta geográfica do rio Mamoré, entre a foz do Guaporé e a do Beni. Comissão Demarcadora de Limites do Brasil-Bolívia — 1877, 2 partes e na escala 1:100 000; 5) Fôlha Vila de Arabopo, da fronteira Brasil-Venezuela, pela Com. Brasileira, da Com. Mista Brasileiro-Venezuelana (1933). Escala de 1:50 000; 6) Fôlha Serra Seictapepui, da fronteira do Brasil-Venezuela, pela Com. Mista Brasileiro-Venezuelana (1933) — 1:50 000; 7) Fôlha Serra Uranapimbara, da fronteira Brasil-Venezuela, pela Com. Brasileira, da Com. Mista Brasileiro-Venezuelana (1933). 1:50 000; 8) Mapa geográfico (fôlhas 1 a 4) do rio Guaporé, entre a foz do rio

Verde e a do rio Paraguai, pela Com. Demarcadora de Limites Brasil-Bolívia, 1877, e na escala de 1:100 000; 9) Brasil-Bolívia: Lagoa Gaíba — 1908 — 1:50 000; 10) Brasil-Bolívia: Lagoa Mandioré — 1908 — 1:50 000; 11) Brasil-Bolívia: Trecho tirado da Carta Geral da Fronteira — Chefe da Com. Fco. XAVIER LOPES DE ARAÚJO — 1878 — 1:600 000; 12) Brasil-Bolívia: Carta da fronteira setentrional entre a bôca do rio Beni e o arroio Iaverija, 2 partes — 1914 — 1:300 000; 13) Brasil-Uruguaí: Carta dos limites — Fco. X. LOPES DE ARAÚJO, 1859. 2 partes. Escala de 1:120 000; 14) Brasil-Guiana Britânica-Venezuela — Ponto de trijunção no Monte Roraima, 1:10 000; 15) Brasil-Guiana Britânica-Nascente do rio Maú ou Ireng, 1:10 000; 16) Brasil-Guiana Britânica-Confluência do rio Maú com o Tacutú, 1:25 000; 17) Brasil-Guiana Britânica-Ilha Kurewaki, 1:15 000; 18) Brasil-Guiana Britânica-Nascentes do rio Tucutú, esc. 1:10 000; 19) Brasil-Guiana Britânica-Suriname-Ponto de trijunção na nascente do rio Kutari, 1:10 000; 20) Brasil-Bolívia-Planta hidrográfica das lagoas Gaíba e Uberaba, pela Com. de Limites Brasil-Bolívia — 1875 — 1:50 000; 21) Brasil-Paraguai — Trecho no rio Paraguai, desde a entrada da Baía Negra até a foz do rio Apa — 1940 — 1:400 000, e 22) Brasil-Uruguaí-Lagoa Mirim — Determinação do canal mais profundo entre as proximidades da ponta Parobé e a dos Latinos, 1:50 000.